

INVISIBLE MAN

by Magda Fernandes

HOMEM INVISÍVEL

de Magda Fernandes

Everyday life offers to our senses an infinity of invisible men and women, who, in their sense of whole, lose their identity. This invisibility is, at the same time, cause and effect of their solitude.

The fact of being invisible to each other, doesn't make them non-existent. Each one of them is a fundamental part of the community, with their own lives, and their own (unknown) identities.

The representation of shoes comes from the idea of the individuality of the object, of the shoeprint, which is a mark, or proof of the existence and action of the invisible man/woman. It comes also from the expression "to put yourself in someone else's shoes", as a recognition of the existence and feelings of the other, of the unique moment when the man is no longer invisible because, through that recognition, he is no longer lonely.

This work is for me, the starting point of an exhibition that will occur later this year, at Imagerie – Casa de Imagens (Lisbon). This exhibition will be the result of a challenge I made to several photographers, to represent their own version of the "Invisible Man".

I chose pinhole photography as a development of the informal investigation I've been making in this area (workshops, activities, etc.). Also because I believe that pinhole photography universe fits this project well, not only through its plastic language – unperfect and netless – but also through the use of a tin can, which is not universally recognized as a camera, making it invisible to the eyes of the portrayed.

The camera I used – "The Invisible Camera" – was adapted by me, and is made from an ordinary tin can, that could have belonged to any "Invisible Man". All the negatives were obtained in black and white photographic paper, and developed in Imagerie's lab. So, during this process, instead of carrying a bag with "normal" photographic material, I carried a tin can and a bag full of shoes...

A vida oferece-nos aos sentidos, todos os dias, um sem-fim de homens e mulheres invisíveis. Invisíveis porque, no seu sentido de conjunto, perdem a sua identidade. Esta invisibilidade é ao mesmo tempo, causa e efeito da sua solidão.

O facto de serem invisíveis, uns para os outros, não faz deles, no entanto, seres não existentes. São peças fundamentais dentro da comunidade, com vidas próprias, com identidade, ainda que desconhecida.

Assim, a representação dos sapatos nasce da ideia da individualidade do objecto, da pegada, que é marca ou prova da existência, através da acção, do homem/mulher invisível. Nasce também da expressão "to put yourself in someone else's shoes", como reconhecimento da existência e dos sentimentos do outro, do momento único em que o homem deixa de ser invisível, porque através desse reconhecimento, deixa de estar só.

Este trabalho é, para mim, a base e o ponto de partida para uma exposição que acontecerá no final do ano no ateliê Imagerie – Casa de Imagens, exposição esta que nasceu de um desafio lançado a vários fotógrafos para representarem a sua visão sobre o tema "Homem Invisível".

Escolhi a fotografia pinhole como linguagem, como mais um desenvolvimento do trabalho de investigação informal que tenho feito nesta área (formação, actividades, etc). Também porque o universo da fotografia pinhole serve bem este processo de criação, não só na sua linguagem plástica – imperfeita, e sem nenhuma rede de segurança – mas também na utilização de uma câmara/lata que não é universalmente reconhecida como tal, tornando-a invisível aos olhos de quem ela capta.

A câmara que utilizei – "The Invisible Camera" – foi adaptada por mim a partir de uma lata comum, que poderia pertencer a um qualquer "Homem Invisível". Todos os negativos foram obtidos em papel de preto e branco, e revelados no laboratório do ateliê Imagerie. Assim, durante este processo, em vez de um saco, com material fotográfico "normal", carreguei comigo, durante os últimos meses, uma lata e um saco de sapatos...



I was born in Porto, Portugal in 1981, and came to Lisbon 12 years ago. For some years, I couldn't decide what I wanted to do in life, so I hopped from course to course (Interior Architecture, Cinema, Cenography, History of Art), but it was when I stepped for the first time in a darkroom, that I fell in love with photography forever. So, I became a professional photographer in 2005, and worked as a freelancer since then – working for theatre and dance companies, literary magazines, music producers.... In 2008, I opened my atelier in Lisbon, where I organize photo exhibitions, teach workshops on alternative photography and use the darkroom to develop and print my black and white photographs.

Magda Fernandes

July 2010

Eu nasci no Porto, em 1981, e vim para Lisboa há 12 anos. Durante alguns anos, não consegui decidir o que queria fazer, por isso, andei a saltar de curso em curso (Arquitectura de Interiores, Cinema, Cenografia, História da Arte), mas foi quando entrei pela primeira vez numa câmara escura, que me apaixonei pela fotografia para sempre. Então, tornei-me fotógrafa profissional em 2005, e trabalhei como freelancer desde então – trabalhei para companhias de dança e teatro, revistas literárias, produtoras de música... Em 2008, abri o meu ateliê em Lisboa, onde organizo e produzo exposições de fotografia, dou formação em fotografia alternativa, e utilizo a câmara escura para revelar e imprimir as minhas fotografias a preto e branco.

Magda Fernandes

Julho de 2010